

EM FOCO

# UM LABORATÓRIO DE RASTROS: VOZ QUE VIBRA NAS MARCAS DA EXPERIÊNCIA EM "ÁGUA, FLORES E ANJINHOS"

*A LABORATORY OF TRAILS: VOICE THAT  
VIBRATES THROUGH THE MARKS OF  
EXPERIENCE IN "ÁGUA, FLORES E ANJINHOS"*

*UN LABORATORIO DE RASTROS: VOZ QUE  
VIBRA EN LAS MARCAS DE LA EXPERIENCIA  
EN "AGUA, FLORES Y ANGELES"*

**JULIANA RANGEL**

RANGEL, Juliana.

Um laboratório de rastros: voz que vibra nas marcas da experiência em  
"água, flores e anjinhos"

Repertório, Salvador, ano 21, n. 30, p. **100-126**, 2018.1

**RESUMO**

O presente texto se pretende como um testemunho do processo de criação do experimento cênico-vocal “Água, flores e anjinhos” e que, no formato de um caderno, objetiva expor aspectos deste processo realizado no Laboratório Vocalidades Poéticas do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (UFC). O laboratório partiu das seguintes indagações: como podemos estabelecer uma escuta aberta à voz do outro, favorecendo um conhecimento vocal a partir dessa escuta? De que modo podemos fazer-conhecer um processo de criação de vocalidade poética que permita pensar e praticar a voz como um corpo-vocal, atravessado por memórias sensíveis que o afetam? Nesse caderno, foi constante o exercício de grafar no corpo da escrita as marcas pulsantes do processo de criação, aquilo que ficou, como um eco, vibrando, de experiências, pedindo outras ressonâncias, um levantamento de marcas que ficam sobre o processo de criação-aprendizagem da voz realizado no Laboratório Vocalidades Poéticas.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Voz. Experiência. Processo de criação. Vocalidade Poética. Escuta.

**ABSTRACT**

*The text is intended as a testimony of the process of creation of the scenic-vocal experiment “Água, flores e anjinhos” (‘water, flowers and little angels’), in a notebook format, which aims to expose aspects of this process carried out in the Poetic Vocalizations Laboratory of the Institute of Culture and Art of the Federal University of Ceará (UFC). The laboratory started with the following questions: How can we establish an open listening to the voice of the other, favoring a vocal knowledge from this listening? How can we make-know a process of creation of poetic vocalizations that allows us to think and practice the voice as a vocal-body, crossed by sensitive memories that affect it? In this notebook, the exercise of grafting in the writing body the pulsating marks of the creative process was constant, like a vibrating echo, of experiences, asking for other resonances, marks that remain in the process of creation-learning of the voice carried out in the Po-etic Vocalizations Laboratory.*

**KEYWORDS:**

*Voice. Experience. Process of creation. Poetry Vocalizations. Listening.*

**RESUMEN**

*Este texto se presenta como un testimonio del proceso de creación del experimento escénico-vocal “Agua, flores y ángeles” que, en el formato de un cuaderno, tiene como objetivo exponer aspectos de este proceso realizado en el Laboratorio Vocalidades Poéticas del Instituto de Cultura y Arte Universidad Federal de Ceará (UFC). El laboratorio partió de las siguientes indagaciones: ¿Cómo podemos establecer una escucha abierta a la voz del otro, permitiendo un conocimiento vocal a partir de esa escucha? ¿De qué modo podemos hacer-conocer un proceso de creación de vocalidad poética que permita pensar y practicar la voz como un cuerpo vocal, atravesado por memorias sensibles que lo afectan? En este cuaderno, fue constante el ejercicio de resaltar en el cuerpo de la escritura las marcas pulsantes del proceso de creación, lo que quedó como un eco,*

**PALABRAS-CLAVE:**

*Voz. Experiencia. Proceso de creación. Vocalidad Poética. Escuchando.*

*vibrando, de experiencias, pidiendo otras resonancias. Un levantamiento de marcas que quedan sobre el proceso de creación-aprendizaje de la voz en tal laboratorio.*

Como vestígios deixados no caminho por um bicho, apresento, a seguir, um testemunho do processo de criação do experimento cênico-vocal “Água, flores e anjinhos”, como rastros de uma vocalidade poética que ainda ecoam no meu corpo-pesquisa. Aqui apresento uma condensação de imagens, conceitos, sonoridades, texturas, na sua força vibrátil (ROLNIK, 2000), movente (ZUMTHOR, 2005), tentando me dese-

qui-

librar na folha,

no espaço,

a partir das vivências laboratoriais experienciadas com alunas-artistas-pesquisadoras no processo de “Água, flores e anjinhos” no laboratório Vocalidades Poéticas.<sup>1</sup>

Nesse laboratório, vivemos a processualidade da criação, na qual procuramos potências do aprender sensório da voz sem os engessamentos dos manuais. Aqui a aprendizagem se localiza no vai e vem do sabor/saber da voz, na escuta de uma singularidade outra, que só pode ser encontrada com o corpo-vocal em ação, no encontro. Uma aprendizagem tecida no caminho que foi sendo construída/inventada pelo ato de caminhar, e neste percurso, encontramos técnicas,

**1** Vocalidades Poéticas foi o laboratório prático criado para desenvolver o processo de criação da pesquisa de doutorado da autora do presente texto (RANGEL, 2014). Desse laboratório, resultou “Água, flores e anjinhos”, experimento cênico-vocal inspirado nos coros de mulheres do texto Flores D’América, do dramaturgo e teórico teatral potiguar Joao Denys. Este teve o formato de uma instalação cênico-performativa audiovisual. O laboratório contou com a participação de Roberta Bernardo, Angela Deyva, Gabriela Araruna, Raquel Capelo Hylnara Vidal, alunas-atrizes do curso de Teatro da UFC e também do estudante do curso de Cinema e Audiovisual da UFC, Tarciso Filho. As apresentações e laboratório ocorreram durante os meses de maio a setembro do ano de 2013 no Teatro Universitário Pascoal Carlos Magno da UFC.

referências teóricas, propósitos de criação, pistas a partir do ajuste poético do corpo no espaço, pistas a partir da sonoridade que era esboçada. Foi no fazer-conhecer no corpo de alunas-atrizes que a vocalidade poética se fez presente nesta pesquisa-criação. A mesma foi ganhando corpo também no ato de escrever, na palavra escrita no diário de bordo de cada uma das alunas, mostrando como a vocalidade poética é singular e ao mesmo tempo múltipla, inacabada, movente.

O processo nos mostra um conhecimento vocal infinito, com possibilidades múltiplas para acessar novas singularidades vocais. Singularidades que surgem pelo viés das marcas da experiência de cada corpo-vocal que vêm à tona encarnadas no corpo da palavra enunciada, no impulso respiratório, na textura sonora emitida, na qualidade de escuta do outro, de escuta da vida que pulsa na cena. O processo de criação dá voz à inventividade das vozes, das pessoas que compõem um grupo de trabalho, uma sala de aula, um espaço de ensaio. O processo suscita o levantar perguntas no exercício do pesquisar, investigar no corpo propósitos que potencializem a existência de vidas sonoras. Em “Água, flores e anjinhos”, inventamos, conhecemos, experimentamos uma sonoridade, de referência sertaneja, transfigurada no imaginário em movimento e materializada em cada corpo-vocal. Corpos estes, que integraram este grupo de pesquisa, cruzados pelo imaginário e memória do nordeste brasileiro, atravessados pelos coros do texto do autor pernambucano João Denys intitulado Flores D’América. Neste experimento cênico-vocal, instigamos a experiência do desequilíbrio da nossa propriocepção em relação ao ambiente do qual fizemos parte, por meio da abertura de camadas perceptivas do corpo-vocal. Uma imersão na plurissensorialidade fluida do processo de criação, da ambiência sonora, fazendo surgir na cena diferentes texturas sonoras: rugosas, líquidas, atravessadas pela memória, tecendo encontros afetivos na voz.

Uma voz em estado de escuta, com os seus sentidos abertos para o outro, uma voz que recebe o outro, que é tocada pelo outro e, a partir deste calor, pode-se sentir a vibração vocal no osso, ou seja, suspender a interpretação, a escuta da condução aérea do som através dos ouvidos, deixando vibrar os meus ossos a partir da vibração da sua voz. Uma escuta recíproca que deixou marcas em mim, sinais que ecoam no exercício da ambiência sonora da cena; escuta de si/

ambiente, vocalidade-vibrátil, vocalidade sensorial, voz enquanto textura, materialidade da palavra, ecos de tecidos afetivos.

Como um rastro, proponho aqui grafar esta experiência como um caderno de processo, composto pelos ecos de memórias acessadas no exercício do fazer-pensar a voz, ecos de vozes nossas, moventes, desordenadas, indomáveis, que nos solicitam outras sintaxes, que rompem o sentido habitual do dizer, do escutar e, também, do registrar, como ecos de vozes,

como rastros...

Escuta do corpo pelo corpo.

Percepção de que somos ossos, músculos, espaços, cartilagens, vísceras, respiração, corrente sanguínea, linfa, corpo -vocal se organizando de uma maneira menos rígida,

mais fluida.

Parar para escutar, parar

para sentir,

parar para perceber o como

O como o corpo se organiza para respirar, recorrendo a um grupo determinado de apoio músculo-esquelético.

Abrir espaços

### O exercício da respiração.

Respiração no fluxo do entorno.

Atentar para as coisas que ressoam em mim no ambiente da cena.

Caminhar em círculo da direita para a esquerda. Perceber o contato de cada pé com o chão. Como interagem. Mesmo aparentemente sendo o mesmo caminho, cada passo é um novo passo. Sinta o ambiente a sua volta: cores, textura, cheiros, cheiros. Perceba como você está sendo afetado por ele.

Pare

Feche os olhos...

Feche os olhos...

Perceba o ritmo da respiração nesse momento, sem induzir. Só perceba como o corpo respira neste momento. Que parte do corpo entra em movimento. Como sente a respiração: longa, curta, leve, densa... Como acontece esse movimento de entrada e saída de ar neste momento.

Perceba a vibração que está em seu corpo agora.  
A qualidade dessa vibração.

Traduza essa vibração em um som que você possa emitir com a sua voz  
Deixe o som entoar primeiro internamente, permita-o percorrer pelos espaços internos do corpo e quando sentir vontade deixe-o que ele se manifeste no ambiente.  
Experimente entoá-lo de variadas maneiras.  
Perceba o gesto e o movimento que este som faz brotar em você.  
Movimento sonoro que é puramente você.

Abra a escuta para os outros sons e movimentos que estão a sua volta e deixe que os mesmos contaminem, se misturem a sua vocalidade.

Pare

Feche os olhos

Perceba como o seu corpo vibra agora.

Volte a atenção novamente para a respiração.

Quando eu expiro, as moléculas de ar em minha volta se movimentam. Quando eu inspiro, o movimento de ar que está fora penetra em mim.

Conexão corpo-ambiente

Um corpo habitado por, e habitando outros corpos e outros espíritos, e existindo ao mesmo tempo na abertura permanente ao mundo por intermédio da linguagem e do contato sensível, e no recolhimento da sua singularidade, através do silêncio e da não-inscrição. Um corpo que se abre e se fecha, que se conecta sem cessar com outros corpos e outros elementos, um corpo que pode ser desertado, esvaziado, roubado da sua alma e pode ser atravessado pelos fluxos mais exuberantes da vida. (GIL, 2013, p. 53)

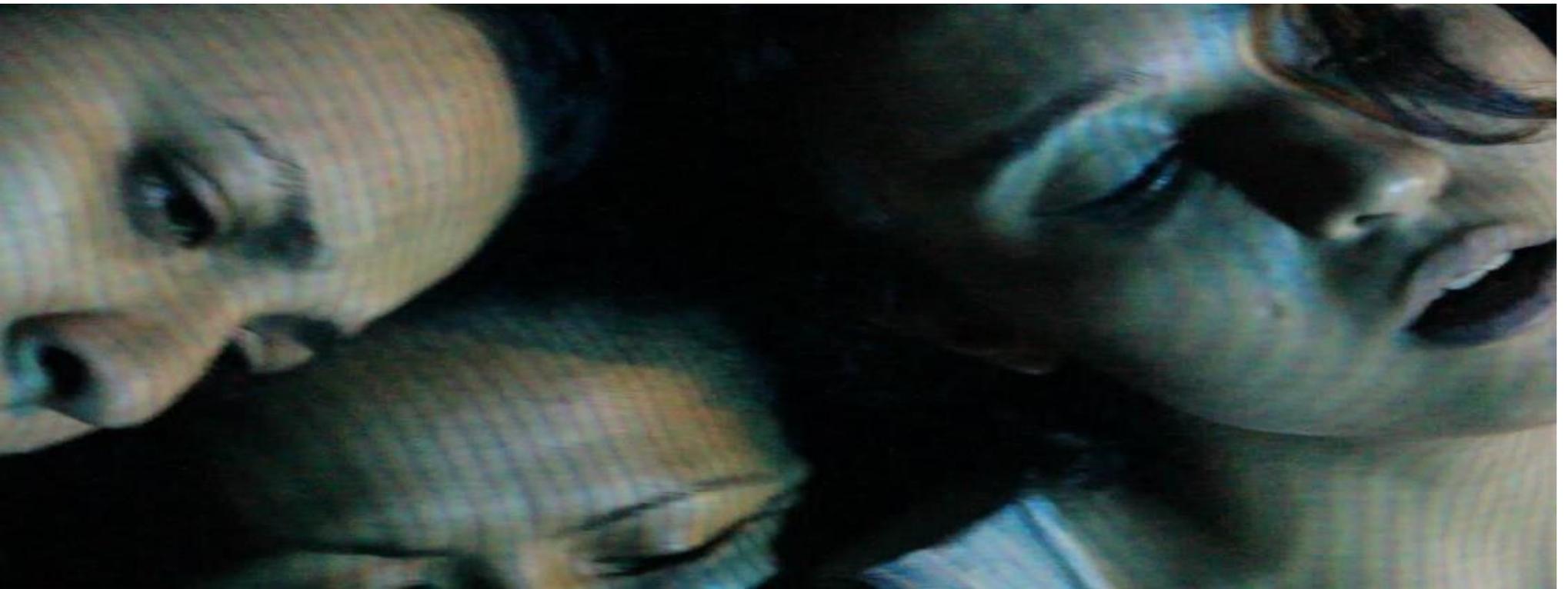


Figura 1 - Corpo que se abre e se fecha. Captura de imagem da gravação do ensaio de “Água, flores e anjinhos”. Gravado por Tarcísio Rocha

Voz em estado de conexão  
Corpo-voz singular e coletivo: descoberta de outros som a partir do outro.

Escuta  
O corpo como uma grande membrana timpânica que escuta Aprender a escutar, ampliar a audição, esmiuçar, singularizar o som Desenhos sonoros

Ver a voz por formas  
Corpo que desenha silhuetas no espaço  
Salta

Voz que faz curvas, caminha pontiaguda,  
desce de um tobogã  
, gira a trezentos e sessenta graus no espaço

Desenhar no papel as formas sonoras no espaço do papel

Es **P** <sub>A</sub> Ci **a** l<sub>i</sub>      Z A   AAA   A **A**   A **A**   A <sub>r</sub>

Es  
**P** <sub>A</sub> Ci **a** l<sub>i</sub>  
Z A   AAA   A  
**A**   A   **A**  
**A**   r

Sons que dialogam com o espaço.

Ambiente criado por sons.

Sensações acústicas que reverberam na pele do corpo.

Estado de vibração.

Corpo-voz expandido aberto para a criação ou já em estado de criação.

Ser o corpo todo água, sangue, linfa, líquido sinovial, cachoeira, ser um rio de correnteza sonora, que ora tem suas margens mais estreitas, ora mais largas, ser mar com ondas.....e qualquer outro imaginário encarnado que a fluidez do pensamento-corpo en- contrar.

Falar é fazer a experiência de entrar e sair da caverna do corpo humano a ca- da respiração:

abrem-se galerias,

passagens não vistas,

atalhos esquecidos,

outros cruzamentos;

avança-se por esartejamento;

é preciso atravessar caminhos incompatíveis, ultrapassá-los [...].  
(NOVARINA, 2009, p. 15)

Entrar em vocalidades desconhecidas, Abrir

galerias, passagens, fluxos...

Cruzamentos outros,

Outras r e s p i r a ç õ e s,

timbres,

espaços de ressonância,

outras maneiras de si escutar no espaço,

deixar que sensações,

outras imagens no acontecimento da voz.

Intensificações da vida no acessar a vida presente na vibração da voz,

voz esta que enche o corpo, transbordando-o no ambiente.

## VOCALIDADE-VIBRÁTIL

Para uma voz que transborde o corpo, o coração, os ouvidos, voz que penetre no outro.

Voz que se abre a outras dimensões da subjetividade, atingindo estados vibratórios outros que o corpo-vocal encontra na processualidade da experiência. Estados vibratórios inéditos acionados pelos contatos sensíveis estabelecidos com o ambiente. Como nos sugere Rolnik (1993), nosso contorno é rompido, ou seja, aquela voz conhecida pela força do hábito se desfaz, nos colocando a exigência de criação de um novo corpo-vocal.

O exercício que coloca a exigência do devir outro-sonoro.

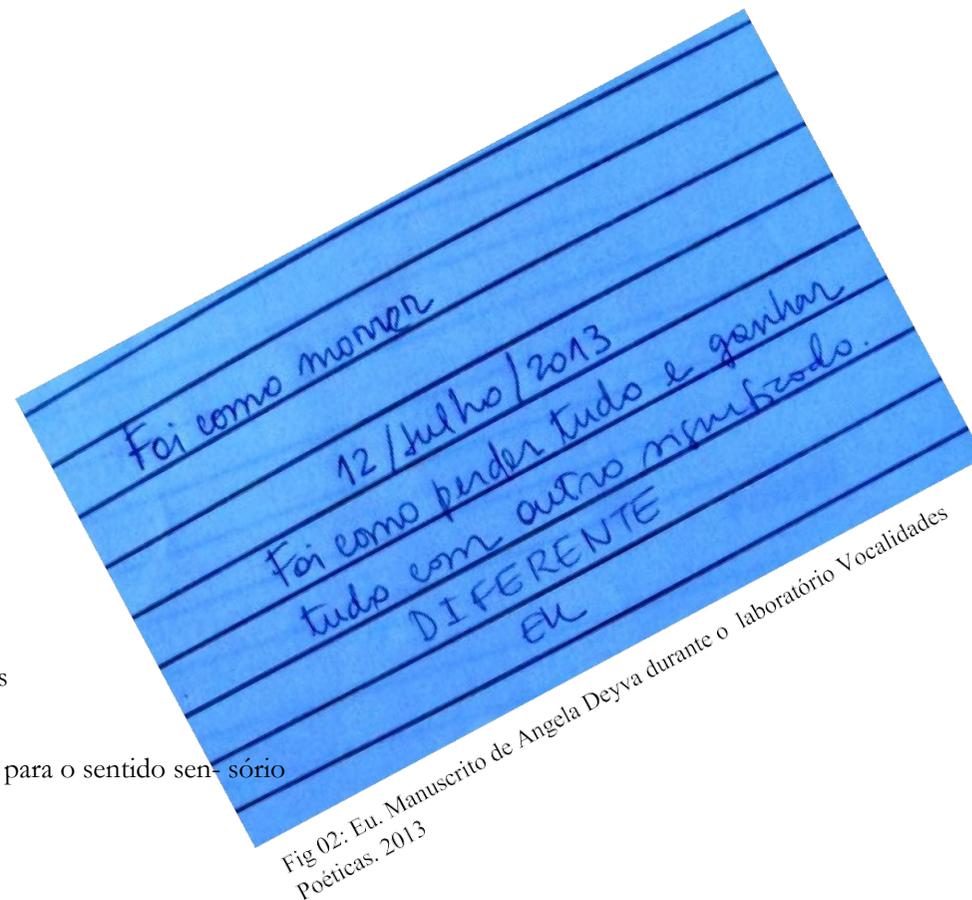
Voz acessada pelo exercício no campo das sensações, outras possibilidades de sair do aprisionamento da funcionalidade, da voz apenas no viés informativo, conteudista.

É o dom de falar que se transmite; o dom de falar que recebemos e que deve ser dado. O dom de abrir por nossa boca uma passagem respirada de matéria. O dom de abrir por nossa boca uma passagem na morte. (NOVARINA, 2009, p.19)

A linguagem sonora nasce do grasnar do bicho incendiando o corpo com suas facas de palavras lançadas no espaço, transbordando a vida na cadência de palavras.

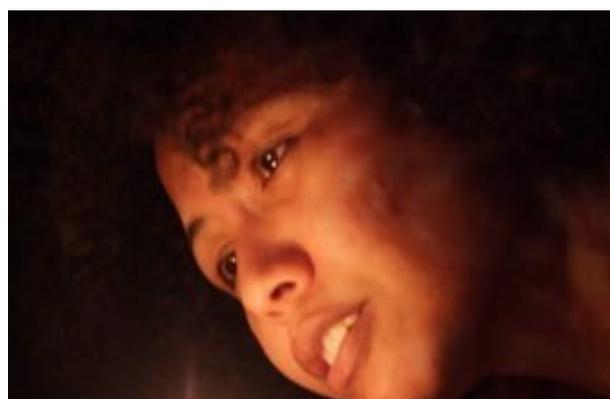
Trabalho com a palavra sonorizada na cena – deslocamento do sentido semântico para o sentido sensorio

Toda palavra carrega em si algo de selvagem... Pré ou pós-linguagem.



Experimentar a palavra no fluxo de uma ação.

A palavra sonorizada vem no fluxo da ação, ou da sensação, ou da imagem, ou do cruzamento de todos estes estímulos.



Interagir com o outro, com o outro-eu, com o outro-corpo. Ganhar uma intimidade no entre-corpos que permite o fluir de uma voz-outra, que faz vibrar a pele. Influências de propósitos do *Body-Mind Centering*\*. partir do fluxo de sistemas físicos do corpo. Como seriam os impulsos do sistema nervoso? Experimentar no outros esses impulsos, impulsionar partes do corpo do outro com movimentos curtos e precisos. Lentos e longos. (Deixar que a escuta e a imaginação dos corpos dialoguem). E o sistema sanguíneo? Linfático? Se o corpo desejar sonorizar, permita que este som encontre a vibração da sua voz. Agora, mantendo os olhos fechados, deixe que sozinho, confiando nos cuidados do outro, porém sem estímulo externo, o corpo-vocal se movimente no espaço acessando sensações do toque as marcas mais intensas a partir do toque do outro, que agora age cuidando do outro. Após vocalizações, experimento com palavras do texto memorizadas, acessando um percurso de vocalidades vibráteis.

\**Body-Mind Centering* é um processo experimental de re-educação e re-padronização do movimento desenvolvido por Bonnie Cohen, normalmente experimentado por pessoas da área da dança ligadas à Educação Somática. Ver: <<http://www.bodymindcentering.com>>.

Muitas vezes, sinto que não consigo manter as paredes pretas vibrando, já em outras, ao sentir meu estômago apertado, sinto que alongo todas as brechas ao nosso redor.

Fig 03: Vocalidade vibrátil. Manuscrito de Roberta Bernardo durante o laboratório Vocalidades poéticas. 2013.

# Rastros que ficam na experiência de uma voz que pulsa

## VOCALIDADE SENSORIAL/VOZ ENQUANTO TEXTURA



112

REPERT. Salvador,  
ano 21, n. 30,  
p. 100-126,  
2018.1

... as imagens, memórias e fogos repetidos sobre si mesmo, como se  
se comporta no espaço e como os outros também se comportam...  
Se apenas "isto não leva a outros outros lugares, cores, fogos  
de amor, tudo está voltado para aquela sensação e emitir  
o que a partir dele criar um simples movimento no espaço desde  
como e a partir dele criar um simples movimento no espaço desde  
meio a meio, já que estamos embriagados no exercício de  
o momento. É como se as coisas fluíssem melhor e de uma

Fig 04 — Embriaguez. Manuscrito de  
Raquel Capelo durante o laboratório  
Vocalidades poéticas. 2013

“A partir do momento em que a propriocepção que nos orienta no espaço desequilibra-se completamente, o imaginário que move os sentidos é solicitado” (GODARD, 2004, p. 76)

A vocalidade poética pode ser acessada no ato de colocar em movimento sentidos do corpo organizados de uma outra maneira, que solicita o imaginário. Falo de ativar um corpo sensorial, pelo viés do acessar os sentidos do corpo: gosto, tato, olhar, audição...e todas outras possibilidades de sentido através de seus cruzamentos.

Godard fala da necessidade de escapar de um olhar objetivo.... É deixar a voz ser contaminada pelo contato com o espaço, com a textura de objetos, com a escuta de outras vozes através da percepção. Encontrar a matéria sonora que é feita do cruzamento das interações sensoriais com a textura de elementos variados integrados ao laboratório.

Corpo sinestésico.

Voz acessada por texturas.

### **Laboratório do sangue de vaca-**

Início – todas no chão – massagear o corpo no chão de madeira/ aos poucos ir abrindo espaço na flauta interna do corpo, deixando que sons aconteçam, deslizando nos seus graves e agudos/ intensificar o movimento do corpo-vocal no espaço. Segundo momento – utilizamos o bastão (elemento bastante utilizado nos laboratórios, para interagir com este elemento é necessário que o grupo esteja bastante familiarizado com este objeto, pois o mesmo suscita entrega, destreza e confiança para o pleno desempenho no ato da ação). O mesmo era lançado vigorosamente em uma roda composta pelas alunas- atrizes. Inspirado na fisiologia da voz, este exercício de aquecimento e ativação de uma energia cênica mais vigorosa, foi feito da seguinte maneira: Ao lançar o bastão, elas lançavam também um jato de ar ao encontro da outra. Em seguida, ao lançar o bastão sons eram ativados em direção a outra. Neste fluxo, palavras do texto já conhecidas e outras que eu ia dizendo no momento do exercício eram vocalizadas pelas alunas atrizes.

Palavras verbalizadas no fluxo do lançar o bastão.

O exercício com o bastão ativou um corpo enraizado e uma vocalidade que nasceu de um impulso que veio da expiração.

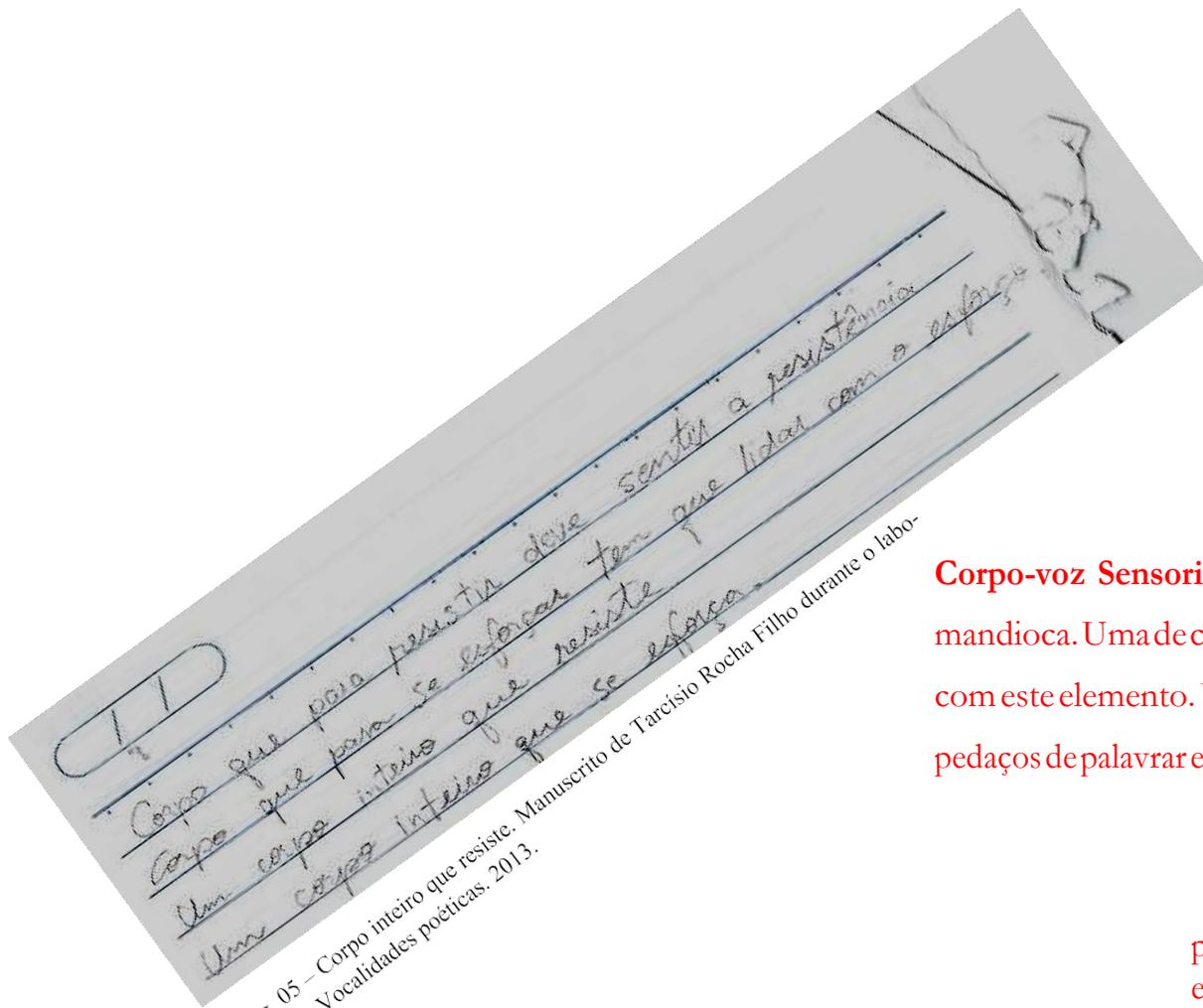


Fig. 05 – Corpo inteiro que resiste. Manuscrito de Tarcísio Rocha Filho durante o laboratório Vociedades poéticas. 2013.

**Corpo-voz Sensorial 1** – Colocamos no chão uma roda feita de farinha de mandioca. Uma de cada vez experimenta dizer o texto a partir do contato com este elemento. Uma poeira, um pó de farinha seca se enfarela com os pedaços de palavrado esfareladas no ambiente da cena.

Adaaaaaseeeelaaa! Sangue, sangue, casca- vel, porca, porcalha, (urra), coisa suja, porcaria, veia, veia, cangote, estouro, (relincha) cruz credo, fogo do inferno, arde, arde, arde, lama de sangue, (relincha) arranca, arranca, esfola, tripa, cangote, arranca. Arre! Arranca olho, corta orelha, arranca língua, tira o couro, quebra ventá! Podre, temba, Lamec, careca, azougada!

**Corpo-voz sensorial 2-** Luz que cria uma ambiência, iluminação vermelha. Corpos-sonoros pulsantes repousam no chão.

Experimentação do sabor da palavra inundada por sensações do mel vermelho na pele.

**Voz de Ângela-** Mataram a mãe de leite.

É mentira. Não pode ser! Horas abertas!

Morte amarga de um bicho santo. Meu senhor, meu Jesus Cristo, mais uma chaga de fogo no peito desta desgraçada América, sua escrava. Mataram a mãe de leite, me mataram. Mataram a mãe de leite. Mas a minha cabeça ainda está assentada no pescoço. Os senhores que estavam aqui comigo não viram nada?(DENYS, 2005)

Mesmo texto experimentado na voz de Roberta



Figura 6 - Sangue e pó. Captura de imagem de gravação do laboratório Vocalidades poéticas. 2013. Por Tarcísio Rocha, nas fotos, Raquel Capelo e Roberta Bernardo.

**Corpo-voz sensorial 3-** Encontrar espaços de escuta na ambiência sonora para dizer outros fragmentos de texto a partir do estado criado. Voz que se expande, que preenche o espaço da outra e junto com as outras vozes cria sentido de célula, de vozes em um corpo só, em um corpo coletivo.

**Textura sonora da voz de Gabi-** O juazeiro lá da estrada tá morrendo de sede (DENYS, 2005)

**Textura sonora da voz de Raquel –** Mesmo cheiro do molho de manjeriçã da cova de pensamento.

**Textura da voz de Hylnara –**Morte, seu gosto é doce como mel de uruçú...

**Textura sonora da voz de Gabi -** Aquele que chegou e partiu com três dias.

**Textura da voz de Hylnara-** Amarga a lembrança dela, e seu gosto doce ligeiro como um suspiro.

Trabalho sensorial que provoca uma vocalidade que encontra uma textura que a faz vibrar, possibilita um mergulho de corpo inteiro, no qual um imaginário também é colocado em movimento. Neste movimento, também percebo o emergir de uma vocalidade que tateia, vocalidade esta menos manchada por uma vocalidade viciada do que seria uma voz em cena.



Figura 7 - Abismo. Captura de imagem de gravação do laboratório Vocalidades poéticas. 2013.

“Deixar o olhar subjetivo operar primeiro, deixar o outro imprimir o esboço de um movimento em seu próprio corpo para só depois eventualmente compreender o movimento ou objetivá-lo. E nesse momento, abre-se de repente um abismo de sentidos, um abismo de possibilidades, que me permite compreender.” (GODARD, 2004, p. 3)

Quando toco a farinha, a farinha também me toca e neste entre lugar..., e eu recebo este toque, para isso, preciso estar com o corpo, com a escuta da pele aberta para esse fluxo de estímulos que atravessam o ambiente. E nesse duplo agir intenso, pode surgir um sentido via textura da materialidade sonora. São cruzamentos de interações sensoriais, minha pele toca a farinha, a farinha toca a minha pele, se mistura com o mel vermelho e encontra a vibração da minha voz. É deste ambiente sensorial que surge a vocalidade das palavras de um sertão imaginário, ou do sertão encarnado por cada uma delas. Um além da história ou um além do sentido logocêntrico da linguagem. É também permitir ser tocado pelo som da voz, permitir ser tocado pelo outro da voz.

Palavra que nasce de uma sinestesia. É isso que chamamos de vocalidade poética.



Figura 8 - Farinha. Captura de imagem de gravação do laboratório Vocalidades poéticas.2013

“Eis que agora os homens trocam entre si palavras como se fossem ídolos invisíveis, forjando nelas apenas uma moeda: acabaremos um dia mudo de tanto comunicar. [...] À imagem mecânica e instrumental da linguagem que nos propõe o grande sistema de mercado que vem estender sua rede sobre nosso Ocidente *desorientado*, à religião das coisas, à hipnose do objeto, à idolatria, a esse tempo que parece se ter condenado a ser apenas o tempo circular de uma venda perpétua, a esse tempo no qual o *materialismo dialético*, desmoronado, dá passagem ao *materialismo absoluto* oponho nossa descida em linguagem muda na noite da maté-

ria de nosso corpo pelas palavras e a experiência singular que cada falante faz, seja, palavra comunicadora, informativa, viciada em si e no outro. Por uma palavra na cena cada falador daqui, de uma viagem na fala; oponho o saber que nós temos, que existe, bem no fundo de nós, não algo do qual seríamos proprietários (nossa *par-cela individual*, nossa *identidade*, a *prisão do eu*), mas uma abertura interior, uma passagem falada”. (NOVARINA, 2009, p. 13)

Por uma experiência teatral que permita esse lugar de questionar a palavra-moeda, obediente a um sistema de mercado. Ou seja, palavra comunicadora, informativa, viciada em si e no outro. Por uma palavra na cena que seja única, aberta a um infinito de encontros de sentidos. Palavra apaixonada que vibra no entre bocas que desliza, choca, roça, que mistura línguas, sem existir um dono da língua.

### Palavra como um beijo

Palavra que é dita pelo que é dado na sua sinestesia, na sua materialidade corpórea que entra na noite da matéria de nosso corpo, como diz Novarina (2009).  
Palavra - sentido pelo que encontra de sentido na sua invenção.

Tritura as palavras, se gemtá-las para **com (por)**

## MATERIALIDADE DA PALAVRA

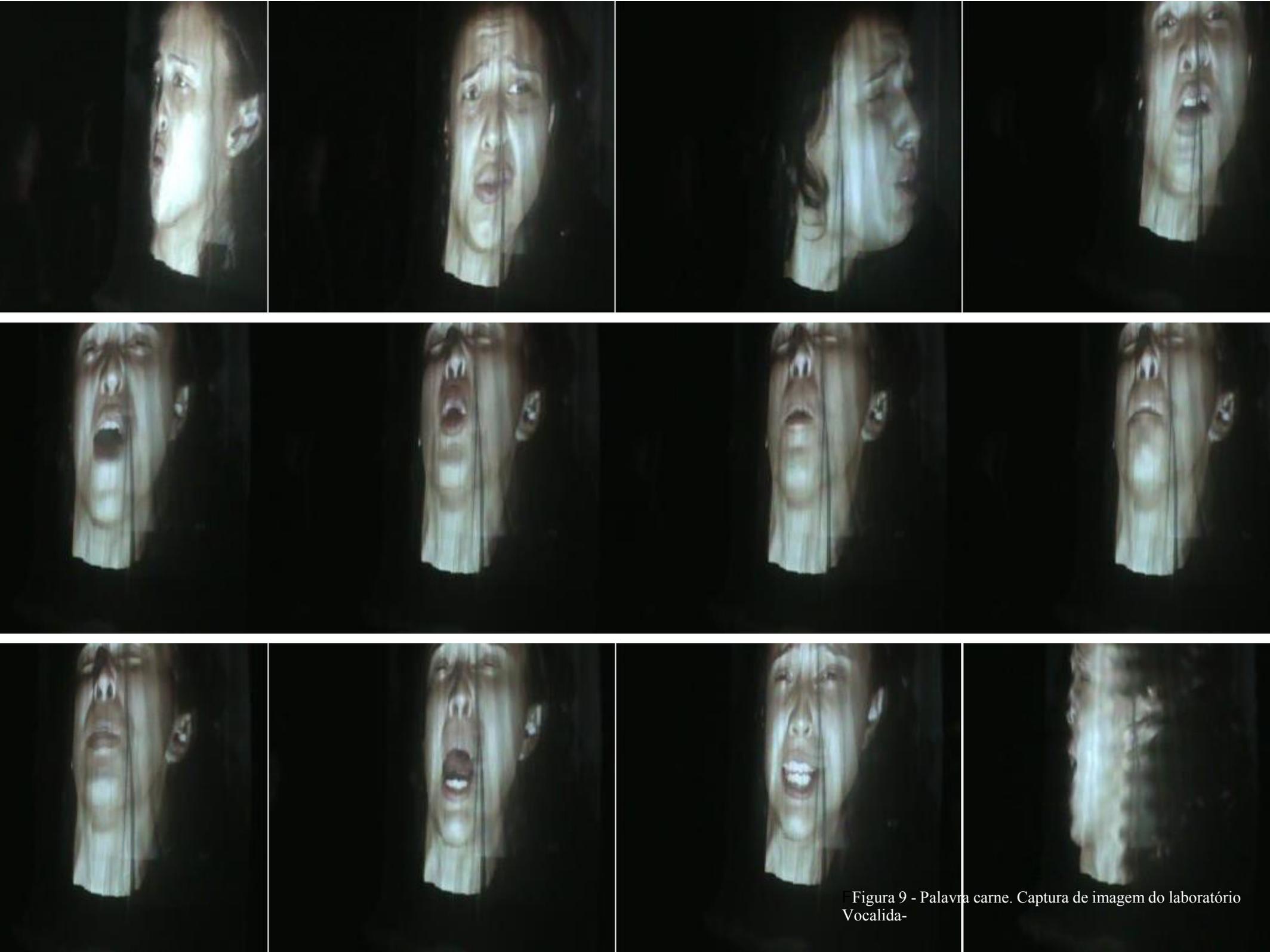


Figura 9 - Palavra carne. Captura de imagem do laboratório Vocalida-

E aquilo que o Teatro ainda pode extrair da palavra são suas possibilidades da expansão fora das palavras, de desenvolvimento no espaço, de ação dissociadora e vibratória sobre a sensibilidade. É aqui que intervêm as entonações, a pronúncia particular de uma palavra (ARTAUD, 1884, p. 114-115)

## Texto como material – Trabalho a partir de fragmentos de *Flores D'América*

Abrirei meus lábios

Em tristes assuntos,

Para sufragar

Aos fiéis defuntos.

(DENYS, 2005, p. 28)

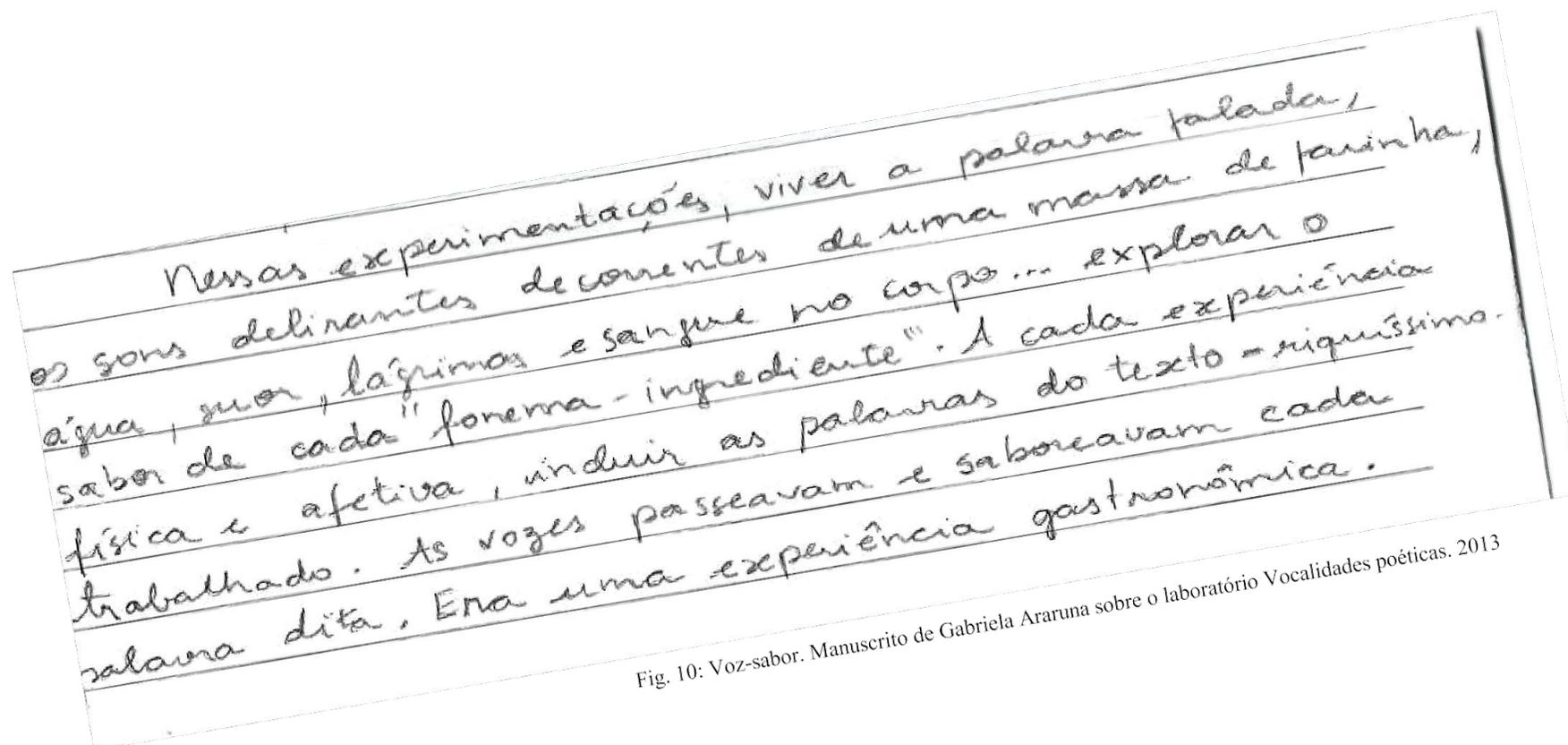
Buscar o esva zi a m e n t o dessas palavras, tentativas de **abrir** espaços outros. **RE** - crrrrri **aaarrrrrrr**

In-Corporar / Des-manchar-se nas palavras do que se é, deslizando o é

**REINVENTAR**

Técnica necessária. Mastigar as palavras, abrir a voz, pesquisar a dinâmica de ação de cada /F//o//n//e//m//a/

Falar não é comunicar. Falar não é trocar nem fazer escambo-das ideias, dos objetos-, falar não é se exprimir, designar, esticar uma cabeça tagarela na direção das coisas [...] *falar é antes abrir a boca e atacar o mundo com ela, saber morder. O mundo é por nós furado, revirado, mudado ao falar.* Tudo o que pretende estar aqui como um real aparente pode ser por nós subtraído ao falar. As palavras não vêm mostrar coisas, dar-lhes lugar, agradecer-lhes educadamente por estarem aqui, mas *antes parti-las e derrubá-las.* “A língua é o chicote do ar [...]”. (NOVARINA, 2009, p. 14-15, grifo nosso)



Nessas experimentações, viver a palavra falada, os sons delirantes deconstruídos de uma massa de farinha, água, suor, lágrimas e sangue no corpo... explorar o sabor de cada "fonema-ingrediente". A cada experiência física e afetiva, incluir as palavras do texto - riquíssimo trabalhado. As vozes passeavam e saboreavam cada palavra dita. Era uma experiência gastronômica.

Fig. 10: Voz-sabor. Manuscrito de Gabriela Araruna sobre o laboratório Vocalidades poéticas. 2013

Palavra linguagem-material

Palavra corpórea, que afeta, que age sobre a sensibilidade, sobre o meu corpo, sobre o teu corpo, simultaneamente.

A vocalidade poética necessita desarticular a fala. Mostrar a fala saindo da palavra, abrir as palavras “como frutas”. (NOVARINA, 2009, p. 44) Segmentar os seus parâmetros de emissão, separar os instantes de respiração, silêncio, sonorizações, articulação, ressonâncias.

Fazer com que o sentido-pensamento literalmente atravesse a expiração, encha uma inspiração, amplificando, numa espécie de caixa de ressonância, esses afetos materializados em vocalidades e amplificados por caixas de ressonâncias.

*Tudo que é corpóreo, que afeta o corpo pela sua qualidade vibratória está no plano da materialidade da palavra*



[...] criar uma metafísica da palavra, do gesto, da expressão, com o objetivo de tirá-lo de sua estagnação psicológica e humana. Mas nada disso pode servir se não houver por trás desse esforço uma espécie de tentação metafísica real, uma invocação de certas ideias não comuns cujo destino é exatamente o de não poderem ser limitadas, nem mesmo formalmente esboçadas. Essas ideias, que roçam na Criação, no Devenir, no Caos e que são todas de natureza cósmica, fornecem uma primeira noção de um domínio em relação ao qual o teatro se desacostumou. Elas podem criar uma espécie de equação apaixonante entre o Homem, a Sociedade, a Natureza e os Objetos (ARTAUD, 1984, p. 115)

Figura 11- Beijando o mundo. Captura de imagem de gravação da apresentação de água, flores e anjinhos. 2013. Por Fábio José de Souza, com Angela Deyva e Hylnara Vidal na imagem.

Cena da palavra que não fecha, mas abre, permite movimento de vibração na vida, sensibilidade colocada em movimento, num estado de percepção mais interior, mais apurada. No rito do encontro de bocas que se abrem furando, mordendo, acariciando, beijando o mundo.

Palavra carícia	Palavra víscera	Palavra semsentido	Palavra nojenta
Palavra chicote	Palavra olho	Palavra luz	Palavra delícia
Palavra pensamento	Palavra palavra	Palavra teatro	Palavra chiada
Palavra impulso	Palavra língua	Palavra cindida	Palavra soco
Palavra oferenda	Palavra prece	Palavra ferida	Palavra perdida
Palavra carne	Palavra enigma	Palavra beijo	Palavra sombra
Palavra corpo	Palavra sexo	Palavra suave	Palavra dissecada
Palavra noite	Palavra sangue	Palavra roce	Palavra vibratória

Mas também a voz, a palavra sonorizada por aquele que conduz uma aula, um laboratório, um ensaio... também cria um tecido afetivo. Palavra esta que tem algo do gemido, do sussurrar. Voz destinada a tatilidade do outro. Palavra que vem ao nosso encontro. Vida da palavra que está na voz, no hálito da voz daquele que fala.

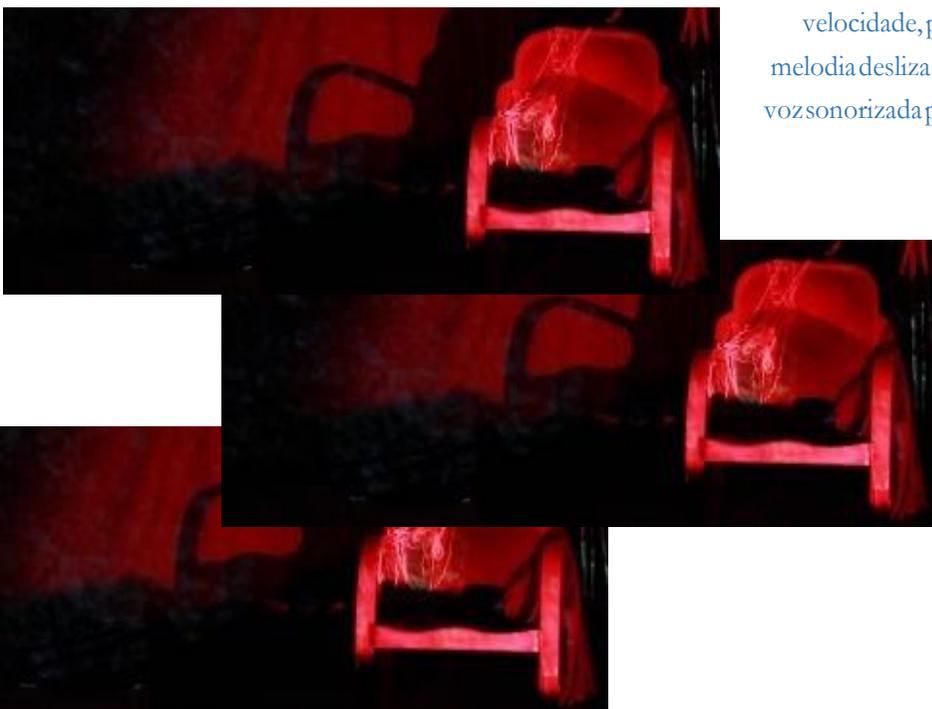
Palavra viva que pode proporcionar uma abertura.  
Voz-Alimento para um imaginário encarnado.

Em algum lugar, em alguma referência da textura da voz que ressoa, aquele que ouve pode encontrar ecos, ecos... reverberações de sentidos na sua história sonora. “Ao fundo das vozes que escutamos no presente ressoa, como por causa de uma memória fisiológica, o eco das vozes perdidas”. (ZUMTHOR, 2005, p. 83)

**Neste dia foi assim:** depois do trabalho vivenciado pelo grupo todo, demos seguimento ao trabalho, apenas com a presença minha e da aluna-atriz Ângela Deyva. Após acionar via aquecimento, um corpo inteiro, em estado de vibração, pedi para Ângela buscar movimentos de balanço, de balançar, balançar, balançar, como uma cadeira de balanço, experimentando esses movimentos no nível alto, variando velocidade, propondo instantes de suspensão do movimento e deixando que uma melodia deslizesse na voz a partir das sensações suscitadas pelo balançar. Escutando a voz sonorizada por ela e observando a inteireza do seu corpo, fui jogando junto com ela,

pensando como provocar uma voz mais deslocada das referências representativas, buscando assim uma voz outra, presente, inteira. Após longa experimentação pedi para que fosse corporalmente para o nível baixo, experimentando agora um corpo que pode se deslocar apenas utilizando os membros superiores até chegar na cadeira de balanço. Coloquei no ambiente um fragmento do texto perto dela e pedi para ela vocalizar aquelas palavras.

Figura 12 - Balanço. Fotografia do laboratório  
Vocalidades poéticas, por Fábio José de Souza 2013



## ECOS DE TECIDOS AFETIVOS



Figura 13 - Mãos que acolhem. Captura de imagem de gravação do laboratório Vocalidades poéticas. Por Tarcísio Rocha. 2013.

[...] Uma vez posta em circuito, uma marca continua viva, quer dizer, ela continua a existir como exigência de criação que pode eventualmente ser reativada a qualquer momento. Como é isso? Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atraindo e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração). Quando isto acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão [...] (ROLNIK, 1993, p. 2)

O processo de criação ativa um fluxo de memórias sonoras.

[...] A memória nesse plano é memória das marcas, ovos sempre atuais, sempre potencialmente geradores de novas linhas de tempo (ROLNIK, 1993, p. 4)

Ângela tem no corpo marcas de um Cariri religioso. Um dia, ela trouxe uma foto da casa da família. Hoje lá só vive o seu pai. Na foto da sala havia um santuário com flores de bem-me-quer bonita, margaridas brancas exalando suavidade. Padre Cícero, coração de Maria e Jesus, menino Jesus. Santuário antigo, que fica e reúne pessoas em volta para entoar cantos religiosos, o ofício da imaculada Conceição... Desde que aquela casa era de seu avô paterno. Lembrança sonora que fica como uma marca, um ovo que agora se atualiza no encontro com fragmento do texto de Denys, com o acessar de uma referência sonora da infância.

Histórias que, da processualidade do fazer corpos-vocais, no coletivo, vêm à tona no desejo de compartilhar.

São pistas que surgem de encontros singulares do processo.

Nordeste sonoro que surge reinventado pelos ecos de uma história de vozes misturadas, integradas a uma textura de afetos tecidas no processo de criação.

Mistura dos mais variados fluxos que compõem uma canção de saudade. Tendo essa saudade como evidência do eco, ou dos ecos dessa experiência.

Voz que vibra nas marcas da experiência

Experiência que vibra nas marcas da voz

Voz que marca e vibra na experiência

Experiência que marca a voz que vibra

Marca que vibra na voz da experiência

Marca que vibra na experiência da voz

# REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Ed. Max Limonad, 1984.

CAETANO, Patrícia. *O corpo intenso nas Artes Cênicas: procedimentos para o corpo sem órgãos dos Bartenieff Fundamentals e Body Mindy Centering*. 2012. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

DENYS, João. *Flores D'América*. Recife: UFPE, SESC Pernambuco, 2005.

GIL, José. *Movimento total: o corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

GODARD, Humbert. Olhar cego. In: CATÁLOGO LYGIA CLARK. Da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro. Organizado pelo Musée de Beaux-Arts de Nantes/e pela Pinacoteca de São Paulo. Curadoria de Suely Rolnik e Corinne Desirens. 2004.

NOVARINA, Valère. *Diante da palavra*. Rio de Janeiro: 7Letras 2009.

RANGEL, Juliana. *Voz em estado de escuta: por uma pedagogia em vocalidades poéticas no ambiente da cena*. 2014. 198 f. Tese (Doutorado em educação brasileira - eixo ensino de música) - Universidade Federal do Ceará, 2014.

ROLNIK, Suely. O corpo vibrátil de Lygia Clark. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2000. Caderno Mais.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva Ético/Estético/Política no trabalho acadêmico. *Caderno de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 2, 1993.

ZUMTHOR, P. *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*. São Paulo: Ateliê editorial, 2005.